



## A RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS COM O TEXTO LITERÁRIO EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO

Francineide Batista de Sousa Pedrosa

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (neidebatistadesouza@hotmail.com)*

Alessandra Cardozo de Freitas

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (alessandracardozof@yahoo.com.br)*

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo discutir as respostas das professoras em relação à recepção de textos literários pelas crianças dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado: *Formação inicial docente, leitura de literatura e alfabetização: diálogos entrelaçados*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tem como objeto de estudo a formação inicial do pedagogo e a leitura de literatura no ciclo da alfabetização. Ressaltamos a importância de ler literatura nesse período de escolarização, visto ser um tempo propício ao desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças, sendo a literatura desencadeadora do aprimoramento das capacidades humanas e intelectuais dos indivíduos. Como material de pesquisa, apresentamos as falas das professoras que foram gravadas em áudio, atendendo a metodologia da Entrevista Compreensiva (KAUFMANN, 2013). Como aporte teórico, utilizamos para a formação inicial docente: Tardif (2002); leitura de literatura: Amarilha (1997; 2013); Yunes (2010); Coelho (2000; 2008); alfabetização: Ferreira (2011); mediação pedagógica: Fontana (2005), dentre outros. Como resultados parciais, as falas das professoras apontam para a importância do trabalho com a leitura de literatura no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, tecendo relações com os aspectos sociais, intelectuais e formativos das crianças. Os alfabetizandos apresentam uma boa receptividade ao texto literário, e este suscita nos aprendizes reflexões sobre suas experiências de vida, permitindo um avanço significativo na aprendizagem, mediante intervenção pedagógica.

**Palavras – chave:** Leitura de literatura, alfabetização, relação texto-vida, mediação pedagógica.

### INTRODUÇÃO

O texto literário é portador de muitos sentidos e significados, e traz em si, elementos importantes para a formação dos indivíduos. Quando entramos em contato com a literatura aguçamos a nossa imaginação, afetividade, incertezas, questionamentos sobre a vida, o mundo. “Literatura é ato de relação do eu com o outro e com o mundo.” (COELHO, 2008, p. 18). Por isso, o trabalho com a leitura de literatura é tão importante para as crianças que estão em processo de aprendizagem.

Trabalhar o texto literário com crianças no ciclo de alfabetização é trazer subsídios para que as mesmas desenvolvam procedimentos de identificação com as obras e melhorem a cada dia mais a sua aprendizagem, o seu poder de antecipação, de previsão, de interpretação dos objetos que



estão a sua volta. A literatura, especialmente a que é voltada às crianças, cumpre um papel importante na sociedade, desde tempos mais remotos, e a cada dia se amplia, se renova, ganha uma roupagem diferente nos livros para a infância, cumprindo, assim, o seu papel na formação dos leitores. (COELHO, 2008).

“Devemos lembrar que ler literatura é uma atividade experiencial, isto é, propicia ao leitor vivenciar emoções, sentimentos, situações sobre os quais passa a ter algum conhecimento, portanto, passa a ter certeza sobre alguma coisa.” (AMARILHA, 2013, p. 62). O leitor de literatura se torna um sujeito mais ativo, mais integrado as atividades cotidianas, e precisa interagir com o mundo ficcional, fazendo uma diferenciação entre os limites do real e não real (mundo de ficção).

Para que ocorra tal processo é preciso que as crianças mantenham um contato efetivo com as histórias, com os contos de fadas, e a escola, os professores, são os responsáveis por introduzir as crianças no mundo imaginário, fazendo com que eles estabeleçam essa relação e consigam transitar entre esses dois mundos de forma que reconheçam o contrato ficcional (ECO, 1994) que o leitor precisa fazer com a obra. Entrar e sair do mundo imaginário e dele se beneficiar, pois bem sabemos que o mundo imaginário se alimenta do mundo real.

“O leitor tem que saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras.” (ECO, 1994, p. 81). A compreensão do mundo imaginário e a relação com a realidade é fundamental para que as crianças compreendam e apreendam os significados contidos nas histórias infantis, na literatura, e façam uma relação com a própria vida. Segundo Eco, o leitor ao aceitar o acordo ficcional finge que os fatos narrados aconteceram e percebem que a fantasia é um elemento que poderá ser utilizado nessa simulação.

Portanto, ressaltamos que a leitura de literatura nesse período de escolarização das crianças é fundamental para que se desenvolvam esses raciocínios e essas percepções de mundo em que elas estão inseridas. Segundo Yunes (2010), o trabalho com a literatura aproxima as crianças das experiências humanas e das reflexões sobre a vida, oferecendo um processo em que elas vivenciam pelas experiências captadas no espelhamento com o outro e que os ajudam a tomar decisões, a fazer escolhas, a criticar a realidade e a entender melhor as relações humanas.

Para que as crianças tenham uma boa recepção ao texto literário é preciso que às mesmas sejam ofertadas leituras significativas, “é preciso que professores e aprendizes se reconheçam para que sua interlocução seja bem sucedida.” (AMARILHA, 2013, p. 78). A entrada no mundo imaginário proporciona as crianças o contato com o ficcional que lhes permitem vivenciar momentos de interação entre o texto e leitor, e o professor é o mediador para que esse processo de



identificação com a obra aconteça, de maneira a transformar os horizontes de aprendizagens dos seus alunos.

Enfim, o trabalho com o texto literário requer do professor e do aluno um olhar sensível para as coisas do cotidiano que precisam ser alcançadas e compreendidas de forma que favoreça ao desenvolvimento das relações humanas, afetivas, cognitivas, sociais e individuais. E perceber essas particularidades demanda do professor um olhar mais aguçado, mais voltado à observação dos acontecimentos em sala de aula. Traçamos como objetivo pra esse trabalho discutir a recepção dos alunos do ciclo da alfabetização aos textos literários, sob a perspectiva do olhar das docentes, interlocutoras da pesquisa, no intuito de entender como acontece a relação das crianças com a leitura de literatura.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para esse trabalho é a Entrevista Compreensiva, desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann. Na Entrevista Compreensiva temos um processo investigativo que se baseia em um plano epistemológico etnográfico, e seus métodos partem da observação dos elementos, ou seja, a investigação está centrada no sujeito, o campo de pesquisa é um fator preponderante de onde surgem as informações que irão compor o seu objeto. É do entrelaçamento do campo, dos sentidos que emergem das falas do sujeito e da aproximação com o conhecimento teórico que o pesquisador irá compor os seus dados, atentando pra a construção de novas teorias. (KAUFMANN, 2013).

Para a pesquisa de dissertação entrevistamos seis interlocutoras, professoras da rede pública municipal da cidade de Natal/RN. A escolha se deu por questionário investigativo, que foi aplicado em 30% das escolas de Natal que têm em seu quadro de funcionamento o ciclo da alfabetização. Obedecemos aos critérios de seleção: formação no curso de pedagogia, atuação docente em turmas de alfabetização, atuar no sistema público de ensino e ter formação acadêmica nos últimos cinco anos.

A entrevista foi realizada com base em questões norteadoras, e escolhemos para esse trabalho uma das questões da grade que versa sobre a recepção das crianças ao texto literário. Pretendíamos descobrir como as crianças se relacionavam com o texto literário trabalhado pelas professoras em sala de aula.

Seguindo a abordagem da Entrevista Compreensiva, fizemos a escuta sensível do material



de pesquisa, procedimento, que segundo Barbier (1998), consiste em observar os valores implícitos nas falas dos sujeitos, o qual requer do pesquisador uma sensibilidade apurada para obter as informações na multiplicidade de sentidos presentes no discurso do outro.

A partir da seleção do material, elaboramos fichas de interpretação para auxiliar na construção e análise dos dados. Segundo Kaufmann (2013), as fichas de interpretação são instrumentos importantes utilizados pelo pesquisador para organizar as falas dos interlocutores, pois possibilitam a transcrição das ideias em fase inicial, e podem ser redigidas, obedecendo aos seguintes critérios: de um lado a fala dos informantes, e do outro o posicionamento teórico e as reflexões do pesquisador. Vejamos um exemplo a seguir.

Quadro 1 – Ficha de interpretação

<b>Ficha interpretativa</b>	
A relação das crianças com o texto literário	
<p><b>Profa. Clarice</b> <i>Eles gostam dos textos, pelo menos os livros que têm aqui na escola, apesar de alguns não saberem ler, é um momento interessante pra todo mundo. O momento de leitura é como se fosse o momento de brincar, eles participam mesmo.</i></p> <p><b>Profa. Cora</b> [tem um livro] <i>O dente ainda doía, [Escrito e Ilustrado por Ana Terra] que tem um jacaré bem grande e verde na frente; eu li esse texto com eles e aí tem uma menina na sala que se identificou com o jacaré. E aí ela disse: tia meus dentes estão assim, aí a gente foi conversar sobre a questão da escovação.</i></p> <p><b>Profa. Cecília</b> <i>Os meninos dizem: professora eu puxei a minha mãe então, que minha mãe é morena e meu pai é branquinho [ou] a minha avó, que tinha os olhos azuis. [Menina bonita do laço de fita].</i></p> <p><b>Profa. Militana</b> <i>Na hora da historinha a gente faz muita expressão facial. Eles gostam de uma leitura mais movimentada, que tenha relação com a dramaturgia. Eles são bem receptíveis (a leitura).</i></p>	<p>As professoras relatam a importância da leitura de literatura e como os alunos se identificam com o texto literário. Elas trazem relatos importantes sobre a relação texto-vida apresentadas pelos alunos no processo da leitura.</p> <p>Quando as professoras Cecília e Cora nos trazem essas informações elas estão afirmando que as crianças relacionam as histórias lidas ao seu cotidiano. Percebemos, contudo, que não há um aprofundamento maior sobre as questões postas no texto como racismo, preconceito, aceitação da identidade, sentido de solidariedade. Em alguns momentos as reflexões não parecem sair da superficialidade do texto. (ver <b>Betelheim, 2015</b>).</p> <p>Segundo Amarilha (1997), o texto narrativo ou poético se configura como uma proposta de jogo e por isso atrai tanto as crianças. Na fala não só da professora Militana, mas das demais, fica claro o interesse das crianças pelo texto literário. (<b>Aprofundar a discussão a partir de Amarilha, 2013; Freitas e Yunes, 2010; Eco, 1994</b>).</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



A literatura é um caminho que nos leva a transitar por um emaranhado de sentidos e significados. O texto de ficção “ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo” (ECO, 1994, p. 9), e por isso necessita do leitor para desvendar as trilhas dos acontecimentos fictícios e sugar deles elementos para o seu mundo real. Em outras palavras, nos diz Eco: “o texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho”.

Mas para que o leitor faça essa parte do trabalho, ele precisa compreender o texto de ficção como um elemento que perpassará o mundo real; ele precisa adentrar os jardins do bosque e deles retirar os subsídios necessários a sua compreensão leitora. No entanto, esse leitor precisa ter contato efetivo com o mundo ficcional, mergulhar nos meandros do texto, e em se tratando de um leitor mirim, ele precisa de uma mediação, de alguém que o ajude a olhar as sutilezas do texto literário.

O mediador de leitura, nesse caso em específico, o professor, será o par mais experiente que levará as crianças a descobrirem o mundo imaginário, a se permitirem transitar entre o real e a fantasia, sabendo entrar e sair desse mundo com segurança e autocontrole, despertando para as experiências e habilidades de que demandam a leitura do texto literário. (FONTANA, 2005). A mediação, a nosso ver, será essencial pra que o leitor expresse os sentimentos advindos da leitura, e possa deixar fluir os seus questionamentos sobre o texto, sobre a vida, sobre o mundo.

Sabemos que as crianças são capazes de expressar esses sentimentos, de esboçar uma determinada reação diante de uma leitura de literatura. E é fato, como nos afirma Clarice, que os aprendizes “*gostam dos textos*”; basta observar as falas das interlocutoras, quando dizem que eles pedem a leitura todos os dias, exigem ir à biblioteca, levam livros para casa e encaram o momento da leitura como uma brincadeira: “*o momento de leitura é como se fosse o momento de brincar*”.

A experiência do brincar relacionada à leitura literária acontece pelos elementos lúdicos que compõem o texto, pelo envolvimento emocional, pelas características da linguagem, pelo processo de identificação que as crianças vivenciam no ato de ler. (AMARILHA, 1997). Esses elementos são essenciais na vida das crianças, pois proporcionam um amadurecimento interior que favorece o desenvolvimento infantil e podem ser fundamentais na formação sobre si e sobre o mundo que as cercam. (COELHO, 2000).

Como nos relata a professora Cora, as crianças ao serem introduzidas na cultura leitora começam a vivenciar situações que as levam a gostar de ler; começam a se sentir parte desse universo envolvente. “*Logo no início foi bem complicado, porque eu percebi que eles não*



*interagem muito com a leitura*”. No entanto, ao introduzir a leitura de literatura na sua sala de aula, Cora observa: *“acho que pelo fato da vivência ser todos os dias, eles estão bem mais acostumados. Por exemplo, hoje eu não fiz a rodinha de leitura, e aí os meus alunos acharam estranho: tia, mas não vai ter leitura hoje? Cadê os livros, cadê a caixinha dos livros?”*

É gratificante perceber o interesse das crianças pelos livros, e a professora relata esse fato se sentindo orgulhosa da conquista, pois segundo ela, ficava muito triste porque os seus alunos não gostavam de ouvir as leituras. Percebemos que esse fato é muito positivo na prática dessa professora, e que a mesma dispensa um valor significativo a leitura de literatura, afirmando que trabalha todos os dias com a leitura com os seus alunos.

No entanto, ressaltamos que nem sempre os relatos dessa e de outras interlocutoras se remetem a leitura de livros com a intenção de adentrar o mundo ficcional e dele tirar os extratos necessários ao ato de pensar, imaginar, fantasiar, ou mesmo que leve o aluno a pensar em questões que envolvam a sua existência, pensar em si e sobre si como ato de humanidade, ou como uma questão social. Há, ainda, certa confusão na classificação e seleção dos livros lidos com os alunos no tocante a literatura.

No relato de Cora, por exemplo, sobre o livro “O dente ainda doía”, da coleção Itaú, (escrito e ilustrado por Ana Terra) que fala sobre um jacaré com dor de dente - e que ela classifica como uma aula de leitura de literatura-, fica claro o trabalho com o tema saúde bucal: *“eu li esse texto com eles e aí tem uma menina na sala que se identificou com o jacaré. E aí ela disse: tia meus dentes estão assim, aí a gente foi conversar sobre a questão da escovação”*. Apesar de ter havido uma identificação da aluna com o tema, essa é uma questão bem particular, que com certeza precisa ser trabalhada em sala de aula com um teor informativo. Contudo, não é essa a identificação a que a literatura se propõe.

O texto literário, a exemplo dos contos de fadas, tem um teor bem mais significativo, e transmite uma mensagem que suscita uma capacidade de enfrentamento das questões pessoais, ou da compreensão da natureza subjetiva das coisas, oferecendo dimensões que favoreçam a imaginação, a formação de imagens mentais capazes de fazer com que a criança interaja com o seu mundo real para obter uma melhor compreensão sobre a vida. (BETTELHEIM, 2015). O texto torna-se pobre quando a sua linguagem não desperta esses elementos no seu leitor.

Por outro lado, esse tipo de texto apresentado pela docente também é importante e deve ser utilizado em sala de aula com a sua real função de um livro paradidático: complementar o livro didático, contanto que seja feita essa distinção entre o que é ou não uma linguagem literária, e que



essa não dê lugar aquela, prejudicando dessa forma o trabalho com a leitura de literatura tão importante para a formação humana dos aprendizes.

“A literatura pode se transformar em experiência de mediação entre o que se é e o que se poderá ser” (AMARILHA, 2013, p. 76), e seu discurso é inerente aos atos de descobrimento, transgressão, transformação sobre realidades que os aprendizes poderão vivenciar por meio da imaginação. As crianças, diante de um texto literário podem trazer elementos que serão incorporados a sua condição real de vida, como relata Cecília sobre a leitura de Ana Maria Machado, *Menina bonita do laço de fita*: “*Os meninos dizem: professora eu puxei a minha mãe então, que minha mãe é morena e meu pai é branquinho [ou] a minha avó, que tinha os olhos azuis*”.

Apesar das próprias crianças buscarem essa aproximação com a vida real, e se identificarem com a história do coelho branco que faz qualquer coisa para ficar pretinho como a menina bonita do laço de fita, a mediação da discussão, segundo relatos da própria professora se limitou ao trabalho com o tema família: “*eu trabalhei com relação à família*”, deixando de lado toda uma questão de aprofundamento muito maior que está posta no texto como racismo, preconceito, aceitação da identidade. Ao que parece, as reflexões não saem da superficialidade do texto. O tema família também está presente na obra, mas o que está por traz da palavra, os sentidos implícitos no texto vão além do trabalho com um único tema.

Vale salientar que a formação docente do profissional dos anos iniciais contribui para a efetivação do trabalho com a leitura de literatura. Ao que sabemos as instituições não formam esse profissional para o trabalho em todas as instâncias do ensino, e a leitura de literatura quase não é trabalhada na formação inicial. No entanto, é o pedagogo que tem a responsabilidade de “mediar o rito iniciático ao mundo da palavra, do simbólico, das metáforas por que passam nossos aprendizes.” (AMARILHA, 2013, p. 132).

As interlocutoras relatam que as crianças são adeptas ao texto literário. Clarice afirma: “*esses momentos [de leitura] eles gostam muito*”; e Zila: “*eu percebo uma animação imensa, eles adoram ir para a biblioteca. Quando não tem, eles reclamam, porque a leitura faz parte para eles, da diversão*”, ou seja, a recepção das crianças acontece; o que percebemos é ainda uma mediação que precisa ser melhorada, mais bem planejada, para que de fato a leitura de literatura atinja a sua função de despertar no leitor o prazer pelo texto, o gosto pela leitura.

Ao que demanda a formação docente, o profissional dos anos iniciais precisa de “novos sistemas de trabalho e de novas aprendizagens para exercer sua profissão” (IMBERNÓN, 2011, p



47), pois vivemos em uma sociedade em constante transformação; e quando o curso não oferta subsídios para o trabalho com a leitura de literatura, por exemplo, fica difícil para o professor realizar um trabalho eficaz nessa área do ensino.

Segundo Tardif (2002, p. 114-115), as exigências no âmbito escolar e pessoal demandam muitas expectativas e desafios. “Exige-se, cada vez mais, que os professores se tornem profissionais da pedagogia, capazes de lidar com inúmeros desafios suscitados pela escolarização de massa em todos os níveis do sistema de ensino”. E podemos afirmar claramente que trabalhar com a leitura de literatura no ciclo da alfabetização torna-se um desses grandes desafios, que segundo as interlocutoras são resquícios de uma formação que não foi suficiente para preparar os docentes nessa área do ensino.

Algumas dessas professoras demonstram que a formação inicial influi na aplicação da metodologia nas aulas de leitura, a exemplo de Militana: *“na hora da historinha a gente faz muita expressão facial; eles gostam de uma leitura mais movimentada, que tenha relação com a dramaturgia. Eles são bem receptíveis”*. O que demonstra que a recepção ao texto literário pelas crianças passa também pelo processo de mediação docente.

*“Se eu pegar um livro e for ler assim sem uma expressão, eles não prestam atenção”*, diz Militana. O que nos faz pensar que a criança precisa de estímulos para formular as suas respostas; no caso, as respostas à mediação da professora seriam a atenção e a compreensão dispensadas pela criança à leitura de literatura.

As funções elementares [memória, atenção, percepção] têm como característica fundamental o fato de serem total e diretamente determinadas pela estimulação ambiental. No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento. (VIGOTSKY, 2007, p. 33 grifo nosso).

Para haver uma resposta imediata à história lida, a professora precisa se utilizar de algumas estratégias para chamar a atenção de seus alunos. Os estímulos seriam a chave para a compreensão, já que se a docente lesse sem usar um recurso diferenciado à sua fala, as crianças não dariam atenção ao que foi lido, e, conseqüentemente não apreenderiam o conteúdo da leitura. E com isso os sentidos das histórias lidas se perderiam, o que seria uma perda também na aprendizagem das crianças, já que a literatura “oferece ao leitor ensaios para a vida, modos de resolução de conflitos, de diferenças, de diversidades sociais e culturais.” (FREITAS, 2010, p. 107). Em outras palavras, o



texto literário necessita de uma boa mediação docente para que as crianças apreendam a história apresentada e possam fazer relações diretas com a vida.

Auta observa que nesse processo de ensaios para a vida, como nos fala Freitas (2010), *“a história [leitura de literatura] ela propicia isso, um momento lúdico, do prazer. Ao longo das contações a gente observa que eles se remetem a algo que aconteceu”*, isto é, a algo relacionado às suas vivências cotidianas. As crianças estabelecem relações com as suas histórias de vida a partir das leituras, é isso que nos afirma a professora Auta: *“eles viajam realmente no mundo do faz de conta”*.

Segundo Bettelheim (2015, p. 21), os contos de fadas permitem que as crianças viagem no mundo da imaginação, pois são obras de arte que influenciam nas determinações de suas personalidades, enriquecendo, assim, as diversas formas de aprendizagens, com contribuições significantes as suas vidas. *“Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis pela criança como nenhuma outra forma de arte o é”*.

Os contos de fadas são muito importantes, e trazem em si muitos significados benéficos à formação das crianças em processo de alfabetização. A aquisição da leitura é um estágio em que as crianças vivenciam a descoberta de elementos inerentes ao mundo que as cercam, e elaboram conceitos próprios ao seu desenvolvimento intelectual, afetivo e cognitivo; que se dá em constante interação com o universo individual e social, suprimindo assim a mais básica das necessidades humanas em termos de aprendizagem, a alfabetização. (FERREIRO, 2011).

Portanto, a alfabetização é também um período propício à leitura de literatura, contos, fábulas, poesias, pois é nesse estágio que as crianças, ou a maioria delas, se inserem no mundo das letras. Ressaltamos que não devem ser ofertados apenas esses tipos de leituras, temos a ciência de que o contato com a cultura letrada leva a criança a desenvolver outras habilidades leitoras (FERREIRO, 2011), e que os livros paradidáticos, as informações em revistas, jornais, são importantes e devem ser estimulados em sala de aula, contanto, que sobre um tempo para as crianças lerem os contos de fadas e poderem viajar no mundo da imaginação.

Defendemos que a leitura de literatura seja valorizada como forma de interação, aprendizagem e desenvolvimento humano, e que de posse desse entendimento as crianças possam desenvolver o gosto pelo ato de ler, e que os professores compreendam que, por meio do conhecimento literário os aprendizes desenvolvem suas capacidades intelectuais e formativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Traçamos algumas considerações acerca da recepção das crianças ao texto literário, lembrando que essa, é apenas uma pequena parte do nosso trabalho dissertativo (em andamento) que trata da formação inicial do pedagogo para a leitura de literatura no ciclo da alfabetização. Constatamos que a leitura de literatura, no que se refere a formação dos pedagogos, ainda não se constitui efetivamente como um campo de preocupação por parte das instituições de formação de professores.

Muito embora, as falas das professoras apontem para a importância do trabalho com a leitura de literatura no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, tecendo relações com os aspectos sociais, intelectuais e formativos das crianças, percebemos uma lacuna existente na formação que repercute na prática docente. Trata-se de uma deficiência nessa área do ensino assumida pelas próprias interlocutoras, que interfere no bom andamento de uma aula de leitura de literatura.

Em relação aos alfabetizandos, os mesmos apresentam uma boa receptividade ao texto literário, que suscita nos aprendizes reflexões sobre suas experiências de vida, permitindo um avanço significativo na aprendizagem, mediante intervenção pedagógica. É notório nas falas das entrevistadas, que as crianças se envolvem com o texto, procuram a biblioteca, trocam experiências com os colegas a respeito da leitura, exigem a roda de leitura todos os dias, o que nos fornece elementos para concluir que essa atividade é de fato significativa a vida dos aprendizes. Que o texto literário é um aparato de que as professoras podem lançar mão para formar alunos leitores.

A relação das crianças com o texto literário acontece, e as professoras são cientes dessa interação do leitor com o texto, e tentam cada uma ao seu modo, fazer com que o ensino da literatura aconteça de forma que as crianças se beneficiem dele, suprimindo assim, suas necessidades de aprendizagens e desenvolvimento em nível de alfabetização.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica Petrópolis: Vozes, 1997.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas:** educar para ler ficção na escola. 1. Ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. (Tradução Maria Amália Ramos) In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** São Carlos: EDUFSCar, 1998.



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fada**. Trad. Arlene Caetano. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: análise, teoria, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos – mitos - arquétipos**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. Retradução e cotejo de textos Sandra Trabuco Valenzuela. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FONTANA, Roseli Ap. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREITAS, Alessandra Cardozo de. Leitura, literatura, inclusão: caminhos possíveis. In: AMARILHA, Marly. (org.) **Educação e leitura: redes de sentidos**. Brasília: Líber Livro, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)